

Ah, Maria...

Há algo na tua vida que nunca se esgota.

Quanto mais eu te contemplo, mais me perco, e estranhamente, mais me encontro.

Volto sempre ao início.

Àquele instante invisível aos olhos do mundo, mas eterno diante de Deus.

O momento em que o céu tocou a terra dentro de ti.

E eu me pergunto...

o que aconteceu no teu coração quando o anjo te visitou?

Que silêncio te envolveu?

Que tremor percorreu tua alma quando o infinito encontrou morada no teu ventre?

Como foi carregar Deus dentro de si?

Como foi sentir o Eterno crescer, célula por célula, no esconderijo do teu corpo?

E então... tu partiste.

Sem demora.

Sem hesitação.

Sem explicações.

Atravessaste montanhas, caminhos desconhecidos, distâncias que não se medem apenas em passos,

mas em entrega.

O que te movia, Maria?

Era já esse amor que vê antes de ser chamado?

Era já esse coração de mãe que reconhece a dor antes mesmo que ela seja dita?

Diz-me...

será que, ainda hoje, é assim?

Será que, mesmo quando eu não te chamo, tu já estás a caminho?

Será que, mesmo quando eu não sei rezar, tu já estás intercedendo?

Será que até aqueles que não te reconhecem são, ainda assim, tocados pela tua presença silenciosa?

Ah, Maria...

Há em mim uma saudade de algo que nunca vivi:

teu colo.

Uma saudade de ser sustentada por essa força doce que formou o próprio Deus.

Uma vontade profunda de ser pequena nos teus braços,

de descansar onde o céu descansou.

Ensina-me...

Ensina-me a caminhar como ensinaste o teu Filho.

Ensina-me a viver como tu viveste:

sem ruído, sem resistência, sem reservas.

Porque eu confesso...

eu temo.

Eu temo ver meus planos diminuírem diante dos planos de Deus.

Temo ver meus sonhos desfeitos, atravessados, talvez até pregados numa cruz.

Eu não queria as espadas que transpassaram o teu coração...

mas eu queria a tua compreensão diante delas.

Eu queria a tua paz no meio da dor.

Eu queria a tua firmeza quando tudo parece ruir.

Como tu conseguiste permanecer?

Como tu conseguiste não fugir?

Não endurecer?

Não desistir?

Como se sustenta um coração que ama assim... até o fim?

Ah, Maria...

O teu coração me intriga.

Ele é suave como um sussurro

e forte como um exército.

É abrigo e batalha.

É silêncio e autoridade.

É ternura que acolhe

e firmeza que conduz.

Como pode caber tanto dentro de ti?

Como podes amar tantos...

e ainda assim amar cada um como único?

E eu... tão pequena.

Tão limitada.

Tão distante dessa grandeza.

Mas ainda assim... eu ousou pedir:

Não me deixes sozinha.

Segura a minha mão.

Mesmo quando eu não perceber.

Mesmo quando eu resistir.

Mesmo quando eu me perder.

Segura firme.

E, passo a passo,

em silêncio,

com paciência de mãe...

me ensina a andar.

Como tu ensinaste

o teu Filho,

Jesus.